

DIFICULDADES RELACIONAIS PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO DA MPB

Fernando da Conceição Barradas*

BARRADAS, F. C.; Dificuldades relacionais professor-aluno no ensino da mpb. *Akrópolis*, 13(3): 131-133, jul./set., 2005.

RESUMO: As dificuldades relacionais, os conflitos e as possibilidades de utilização da MPB (Música Popular Brasileira) em sala de aula como pedagogia musical crítica diante de fãs e tletes de astros por estes mitificados, é objeto desta investigação que se sustenta ainda em experiências práticas.

PALAVRAS-CHAVE: MPB, cultura jovem, crítica cultural.

RELATIONSHIP DIFFICULTIES BETWEEN TEACHER AND STUDENT IN THE TEACHING OF MPB

ABSTRACT: The related difficulties, the conflicts and the possibilities to use the MPB (Brazilian Popular Music) in the classroom as a critical musical pedagogy, towards the stars' fans is the object of this research which supports yet the practical experiences.

KEY WORDS: BPM, young culture, cultural critic.

Introdução

Problema difícil que emerge ao se abrir o estudo crítico sobre a música popular e a sua inclusão no ensino é que ela representa uma forma de incorporação. Nessa incorporação, o discurso fere o espírito narcisista (amor excessivo a si mesmo) do estudante, por que a crítica, por ser superior, implica em privar o aluno das considerações prévias que ele trás consigo. O aluno que é fã prefere que o professor seja fã também. Mas o professor não pode abandonar sua posição enquanto crítico. Ser crítico e fã resultaria em uma situação ideal que nem sempre é possível viver em sala de aula.

Música da Escola e Música do Aluno

Na perspectiva da pedagogia crítica, o professor ao ensinar a música popular deve prover os alunos de estruturas conceituais para que se tornem auto-reflexivos. Esses valores devem ser formados a partir de uma visão homogênea do mundo dominante. Ao mesmo tempo, esse conhecimento deve partir das experiências dos alunos e da cultura que o envolve, e por isso, o professor poderá ter dificuldades, pois haverá resistências por parte do educando.

Em pedagogia crítica, Peter McLaren examina as escolas nos seus contextos histórico, social e político:

...as escolas – frequentemente vistas como agências socializadoras que ajudam a sociedade a produzir cidadãos inteligentes, responsáveis, comprometidos e preparados – tornam-se instituições estranhas e perturbadoras, que não somente ensinam sujeitos, mas também, produzem seres humanos, incapazes de reflexão e que, em suas atividades diárias representam as ideologias da cultura dominante (Mc LAREN, 1996, p.73).

Para McLaren, na tarefa diária de ensinar o professor tem que entender o teórico social, e apropriar-se na teoria crítica dentro de sua própria prática. Trabalhando conscientemente na inserção sociocultural do aluno, o professor não vai responsabilizá-lo pela resistência em não aceitar os gostos musicais esteticamente construídos, agirá com tolerância. O professor deve estar preparado para vivenciar atitudes motivadoras de diálogo e respeito em sala de aula.

É necessário considerar a extrema sensibilidade dos alunos no relacionamento com a música. Os professores críticos não devem impor seus pontos de vista como únicos e verdadeiros. O papel do professor acima de tudo, deve ser o de encorajar os alunos ao questionamento, e quando discordarem, deverão apresentar suas perspectivas nas discussões. Recordo-me que em várias ocasiões ao atuar no ensino médio, para provocar a reação dos alunos, tletes de ídolos da moda, tecia-se de forma inadequada comentários bastante depreciativos a esses artistas. Em duas ocasiões, alunas se retiraram em prantos do interior da sala de aula. Constatou-se, posteriormente, que muitas das alunas que ouviram os comentários, eram fãs ardorosas daqueles artistas, e que, no refúgio do lar, seus quartos estavam forrados de fotos, mensagens e símbolos de ídolos mitificados. Nesse aspecto, o adolescente se projeta no ídolo para concretizar seus amores e frustrações. A dificuldade em discutir temas como religião, política e futebol dentro da sala de aula, são similares as apresentadas ao ensino da MPB, especialmente quando se tenta conferir status, valores estéticos e juízos de arte.

Entre a teoria social e os mitos construídos pela indústria cultural, existe um fosso de proporções abissais, difícil de ser transposto.

O mito serve como instrumento de dominação porque ele solapa a complexidade das ações humanas, resolve todas as contradições e arranca a qualidade histórica das vidas e eventos. Neste processo mitologizante, os indivíduos caem na amnésia social porque eles perdem a memória do mundo como humanamente construído; sem esta memória, a tentativa que supera a opressão é severamente limitada. O professor crítico pós-moderno, então, é historicamente comprometido, porque ele enfatiza a genealogia da escolarização com seu foco no controle social e imposição cultural” (KINCHLOE, 1993, p. 123).

Peter McLaren enfatizou três formas de conhecimento: o técnico (que usa métodos hipotéticos dedutivos), o prático (através da descrição e análise histórica e de eventos sociais) e o conhecimento emancipatório (que tenta reconciliar o técnico e o prático).

O conhecimento emancipatório nos ajuda a entender como os relacionamentos sociais são distorcidos e manipulados por relações de poder e privilégio. Ele também almeja criar as condições sob as quais a irracionalidade, a dominação e a opressão podem ser

*Professor de História - Universidade Paranaense - UNIPAR - Umuarama - Paraná

superadas e transformadas através da ação reflexiva coletiva (MCLAREN, 1997, p. 203).

Neste estudo, focalizar a MPB e a educação escolar têm propósitos emancipatórios. No caso da música popular “estrelas” atuam como construções míticas. Despertam alguns tipos de estima e acabam influenciando determinadas culturas e estilos de vida. O estrelato na música popular, assim como em outras manifestações da cultura, envolve tanto a ilusão e o apelo às fantasias do público, quanto o talento e a criatividade do artista. Também devem ser vistas como entidades econômicas, utilizadas para conquistar o público e os produtos da indústria cultural fonográfica. Representam uma forma de mercadoria ímpar, tido como um processo de trabalho, e ao mesmo tempo, um produto. A identificação do público com determinadas “estrelas” é uma importante estratégia de marketing.

Como exemplo podemos citar o álbum *Thriller* (Epic, 1982) de Michael Jackson, que vendeu aproximadamente 20 milhões de cópias durante a década de 80. No campo fonográfico, alguns megas sucessos como esse estão ligados aos modos de produção e organização, características das empresas industriais em produzir e difundir símbolos que se tornam mitos, como se fossem uns valores culturais e não apenas uma mercadoria. Os mitos criados pela indústria de entretenimento criam no fã, uma forma estremada de adoração que chamamos de tietagem.

Tietagem é o termo que se usa para descrever os fenômenos que envolvem os fãs e seus comportamentos. O comportamento do fã é frequentemente descrito como uma forma de patologia. *A tietagem é um fenômeno complexo, relacionado à formação de identidades sociais, principalmente aquelas ligadas à sexualidade.* (SCHUKER, 1999, p. 137).

O prazer e a diferença são fundamentais para a tietagem. Existem muitas diferenças entre fãs e aficionados, pois os aficionados estão mais interessados na obra musical do artista, enquanto que os fãs na imagem do ídolo. Quem gosta de fã é o departamento de marketing das gravadoras, pois os “exaltados” compram tudo relacionado com o ídolo, uma compulsão beirando o patológico. Para muitas fãs, seus ídolos funcionam como amuletos, guiando suas vidas e emoções. Essa identificação com o seu ídolo torna-se fonte de inspiração e prazer, e nas subculturas jovens o fenômeno é mais evidente.

A tietagem é um campo de sensibilidade extremada onde a relação entre os fãs e os ídolos e a obra cultural opera no domínio do afeto. As tietes são consideradas “estúpidas”, mas os fãs são mais moderados e sabem o que querem. Compram o que tem utilidade para eles.

A seguir relatar-se-á dois exemplos de exacerbação noticiados pela mídia para ilustrar a discussão.

É muito comum a satisfação do ídolo depois de sua morte. Caso significativo, instigante, é o do cantor argentino Rodrigo Bueno, morto em um acidente de carro dia 27 de junho de 2000. No local do acidente foi construído um santuário. Diariamente, adolescentes levam velas, há relato que quatro meninas adolescentes suicidaram-se por causa da morte do ídolo. Santinhos do ídolo são vendidos a cinco dólares, transformaram-no em anjo. *Deus escolhe almas santas para santificar o céu*, é a legenda inscrita no santinho.

Uma frase atribuída à mãe do cantor também aparece inscrita com o seguinte teor: *Peçam o que quiserem e Rodrigo o concederá*. O fenômeno Rodrigo está sendo comparado ao de Evita e Carlos Gardel, embora ele não seja conhecido internacionalmente. O sucesso de Rodrigo era recente na Argentina, lotava os shows, o Luna Park, e tinha presença constante na televisão. Rodrigo Bueno vendeu 500 mil discos, representando um faturamento de cinco milhões de dólares. Seu sucesso foi atribuído à mídia e muitos acreditavam tratar-se de modismo, pois, nos últimos tempos, antes de sua morte, o cantor não despontava tão intensamente na mídia (Folha de São Paulo – Folhateen, 2000, jul. 17, p. E5).

O segundo caso é o debate da Folhateen, suplemento da “Folha de São Paulo”. Editado às segundas-feiras, com resenhas críticas do jornalista Álvaro Pereira cuja coluna tem o título de “*Escuta Aqui*”, publicou em julho de 2000, uma crítica mais contundente ao apenas discreto conjunto de rock *Iron Maiden*, provocando uma inesperada enxurrada de cartas à redação, as quais dividiam-se em manifestações dos fãs que indignados, criticavam o jornalista, e outros que defendiam Álvaro e malhavam a banda. A seguir transcreve-se a título de ilustração alguns textos dos leitores, publicados na edição de 10 de julho de 2000, do suplemento Folhateen.

Gosto não se discute

“Falar assim de Iron Maiden é um sacrilégio. Cada um tem o direito de gostar do que quiser. Se há quem goste de Leandro e Leonardo, o que é que tem?”

Rodolfo Alexandre Cid – via e-mail

Tranqueira comercial

“Não entendo por que tanto comentário contar a coluna de Álvaro. Já que não gostam, por que dão tanta corda? Ele incomoda porque enxerga a música de maneira diferente, descobrindo novas bandas e fugindo da mesmice que rola nas rádios brasileiras. O grande problema é que os leitores são escravos das rádios e escutam tranqueiras comerciais. O Iron Maiden é um exemplo claro”.

Felipe Datt, 21 – São Paulo. SP.

Deixe o metal em paz.

“Álvaro, por favor, deixe apenas pessoas que entendem, apreciam e seguem o heavy metal trabalharem com ele. Se o Iron Maiden está bem por aqui, melhor para nós, fãs da banda. Mais chance de eles aparecerem aqui, lotarem um estádio e manterem vivo o heavy metal, o mais poderoso estilo musical”.

Tiago D.M.Reis – via e-mail

A tietagem conota sensibilidade e essa é uma forma particular de compromisso ou modo de agir de cada indivíduo. No caso exposto ficou claro o tipo específico de efeitos que os elementos podem produzir em um contexto. A crítica de Álvaro, sua análise técnica a partir de um texto jornalístico, provocaram reações externas em um público situado em diversos espaços, mas todo ele delimitado por idades que vão da pré-adolescência aos vinte e um anos, faixa etária de concentração das tietes.

É muito difícil para o professor que pretenda ensinar MPB, valer-se da autoridade escolar para impor pontos de vista, juízos de arte ou qualquer ato conformista ao aluno. O trabalho requer uma nova postura do professor frente à cultura, à educação e aos saberes transmitidos e produzidos em sala de aula. O terreno da MPB está eivado de emoções, tietagens, fã(náticos), mitos, identidades refletidas, modismo, propaganda comercial e institucional, que tornam o seu ensino um perigoso campo complexo e conflituoso em que

diversas dimensões se entrelaçam.

As dimensões afetivas e relacionais deverão se sobrepor à relação de poder e dominação que em geral, permeiam as interações aluno/professor. Compreensão e delicadeza são necessárias no processo de ensino e aprendizagem. O professor deverá ter, com anterioridade, a consciência de que, neste caso, as qualidades afetivas e relacionais devem ser observadas mais que os aspectos cognitivos, se mesmo assim o professor não perceber e quiser impor suas crenças, valores e representações como única interpretação do conhecimento, vai transformar a sala de aula num espaço de conflitos. Portanto, o professor tem como tarefa redimensionar o conceito originário e reinterpretar os dados da tradição. Não deve por em ação “preceitos”, mas aceitá-los como um modo de conhecer sobre como é possível estabelecer um certo divisor e religá-los ao plano complexo e diverso dos saberes.

Referências

- ESPECIAL, Álvaro contra Iron Maiden: fãs da banda protestam e defensores de Álvaro malham a banda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2000. Folhateen. p. 2.
- FISHER, E. Sala de aula e canção. **Folha de São Paulo**, São Paulo p. 11, 22 jan. 2001.
- ÍDOLO do pop argentino é “santificado” por seus fãs. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2000, Caderno Especial, p. 5.
- SCHUKER, R. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999, 328 p.
- FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. São Paulo: Autores Associados, 1996, 170 p.
- KINCHLOE, J. **A formação de professor como compromisso político**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MCLAREN, P. **A vida nas escolas**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.
- SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997. 175 p.